



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FERNANDO DOS SANTOS OLIVEIRA

**“NA HORA DA MORTE A PESSOA SE TORNA
ESTRELA DE CINEMA”:
O Nordeste e o nordestino n’*A hora da estrela* de Clarisse Lispector**

GUARABIRA – PB
2014

FERNANDO DOS SANTOS OLIVEIRA

**“NA HORA DA MORTE A PESSOA SE TORNA
ESTRELA DE CINEMA”:**

O Nordeste e o nordestino n’A *hora da estrela* de Clarisse Lispector

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48 Fernando dos Santos Oliveira

Na hora da morte a pessoa se torna estrela de cinema:
[manuscrito] : o nordeste e o nordestino na hora da estrela de
Clarisse Lispector / Fernando dos Santos Oliveira. - 2014.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Azemar dos Santos Soares Júnior, Departamento
de História".

1. Literatura Brasileira 2. Nordeste. 3. Nordestino. I. Título.
21. ed. CDD B869.3

FERNANDO DOS SANTOS OLIVEIRA

**“NA HORA DA MORTE A PESSOA SE TORNA ESTRELA DE CINEMA”:
o Nordeste e o nordestino n’A hora da estrela de Clarisse Lispector**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior

Aprovado em 16 de julho de 2014



Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior

Universidade Estadual da Paraíba

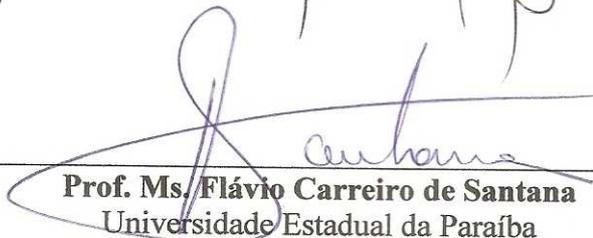
Orientador



Profa. Dra. Marisa Tayra Teruya

Universidade Estadual da Paraíba

Examinadora



Prof. Ms. Flávio Carreiro de Santana

Universidade Estadual da Paraíba

Examinador

Agradecimentos

“Ela rezou automaticamente em agradecimento. Não era agradecimento a Deus, só estava repetindo o que aprendera na infância”.

(*A hora da estrela*, Clarisse Lispector).

Diferente da justificativa dada pelo narrador à atitude de Macabéa, quero nesse espaço agradecer por sentimentos que me conduziram ao longo da vida: força de vontade, amor, dedicação, paciência... Agradecer é ensinamento aprendido na infância, aqui é vontade do coração.

Dirijo-me primeiramente ao meu Deus, único e soberano, para agradecer pelo dom da vida e por sempre me dar a força necessária para continuar seguindo o caminho do bem.

Aos meus familiares: *Marluce* e *Sival*, meus pais, pelos cuidados e incentivos que me fizeram chegar até aqui. Agradeço a generosidade da minha mãe por ser tão compreensiva até mesmo nos momentos em que não merecia. Ser-lhe-ei eternamente grato. Aos meus irmãos *Fábio* e *Flavinho* pelo apoio; registro aqui grande amor e admiração por este último, pois, apesar de suas limitações, sabe viver com uma expressiva alegria que contagia a todos que o circundam. À minha amada avó *Ina*, que também dividiu com a minha mãe o papel da maternidade em minha vida e em me educar. No geral, agradeço a toda minha família.

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que muito contribuíram para minha formação acadêmica e humana, e de modo especial, a meu querido orientador, Azemar dos Santos Soares Júnior, por toda dedicação, calma e paciência para a construção deste trabalho, e, sobretudo, pela excelente pessoa humana que é.

Aos professores que compõe a banca examinadora, Profa. Dra. *Marisa Tayra Teruya* e Prof. Ms. *Flávio Carreiro de Santana*. Suas lições de vida e de ofício são exemplos para aqueles que almejam traçar um caminho marcado pela escrita da História. Obrigado pela atenta leitura e certos comentários.

A todos os meus colegas de turma que percorreram essa longa jornada e perseveraram até aqui, em especial minha querida amiga de turma, *Dulcilene de Araújo*, na qual eu tenho um grande respeito e admiração pela sua humildade e perseverança.

A todos os meus amigos que torceram e torcem por mim, pelo incentivo e palavras de apoio. A meu primo *Wisley*, o qual eu o vi crescer e dar seus primeiros passos, e que por isso eu tenho um imenso carinho, pelo exemplo de obediência e criança educada que é.

A todos que, de forma direta ou indiretamente, contribuíram para que eu caminhasse até aqui.

**“NA HORA DA MORTE A PESSOA SE TORNA ESTRELA DE CINEMA”:
o Nordeste e o nordestino n’A hora da estrela de Clarisse Lispector**

OLIVEIRA, Fernando dos Santos.

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de analisar o imaginário social acerca do Nordeste e do nordestino a partir da obra de Clarice Lispector, *A hora da estrela*. Problematizamos ao longo do texto a ideia de Nordeste enquanto construção imagético-discursiva, que, formou uma identidade homogênea a um lugar que se fundou historicamente a partir de enunciados e discursos que foram repetidos e perpetuados, tomados como definidores do caráter daquela região. Para conduzir a discussão, realizamos a análise de dois personagens d’*A hora da estrela* – Macabéa e Olímpico de Jesus – ambos nordestinos que migraram para a grande cidade sulista com o intuito de deixar para trás suas misérias em busca da concretização de sonhos que somente o Sul, tido como lugar de progresso e civilização, poderia oferecer-lhes. Desta maneira, a obra citada aborda também os conflitos vividos por Macabéa, sua expressão de pobreza e desventura que frequentemente era associada à região Nordeste, e a idealização do tradicional “cabra-macho” nordestino que se configura no personagem Olímpico de Jesus; um ser ambicioso e de caráter duvidoso que sonhava em ganhar a vida fácil. Os personagens almejavam a possibilidade de brilhar no Sul do país, mas que por serem nordestinos, já estavam predestinados ao fracasso. Assim, apoiados no aporte teórico da História Cultural, tomamos a literatura como fonte capaz de edificar a História. Tornou-se, portanto, possível analisar os perfis biográficos desses personagens para narrar uma história de estrelas que brilharam apenas na repercussão dos escritos de Clarice Lispector.

Palavras-chave: Nordeste, Macabéa, cabra-macho.

INTRODUÇÃO

Estudar a região a qual pertencemos implica em focar os olhares para aquilo que nos pertence, incita, entusiasma e encoraja a ir em busca das origens de uma criação imaginada por uma Nação. Imaginário que constituiu uma identidade homogênea para um espaço tão plural como é o Nordeste.

O interesse pelo Nordeste surgiu a partir de uma inquietação sobre como esta região era tratada pelos sulistas, sobretudo a visão propagada pela mídia nos veículos de comunicação de massa (novelas, filmes, documentários, etc.). Esta visão equivocada me incomodava muito, o que ao longo do tempo só foi aumentando e tornando uma grande insatisfação pessoal. Dentre as diversas possibilidades de estudar a região Nordeste, nos deparamos com a obra da escritora Clarice Lispector¹, intitulada *A hora da estrela*. Era o

¹ Clarice Lispector foi uma escritora de grande destaque que refletia com muita profundidade os mistérios da existência humana. Nascida em Tchetchelink na Ucrânia no ano de 1920, muda-se para o Brasil em 1922, para a

elemento que precisávamos para desabafar toda essa repulsa para essa criação imagético-discursiva acerca de um espaço inventado historicamente.

A hora da estrela dialoga com todo universo ficcional de invenção da realidade. Conta à história de uma nordestina órfã, pobre, desamparada, desnutrida e miserável, que migra para o Rio de Janeiro empreendendo grandes esforços para sobreviver e tentar a sorte na metrópole carioca. Assim é Macabéa, a protagonista desse romance. Seu mundo é composto por Seu Raimundo (seu patrão), Gloria (colega de trabalho), Olímpico de Jesus (seu primeiro e único namorado) e as quatro mulheres chamadas Marias que dividem o quarto com ela. Existe ainda o médico, a madame Carlota (a cartomante), o rico dono do Mercedes Benz e um dos principais personagens, o narrador fictício Rodrigo S. M.. O tempo narrativo é cronológico e linear, apesar do narrador deixar o leitor confuso com muitas hesitações em que ele mais se descreve do que progride em contar a ação dos fatos. O espaço é social e urbano, mais precisamente na grande e conturbada cidade do Rio de Janeiro. A narrativa possui um estilo simples sem o emprego de termos cultos, pois afirma o narrador, “por enquanto nada leio para não contaminar com luxos a simplicidade de minha linguagem”².

Macabéa era uma menina miserável, órfã aos dois anos, que viveu sua infância no Nordeste onde fora criada por uma tia muito severa que sentia prazer em castigá-la dando-lhe até cascudos na cabeça. Migram para o Rio de Janeiro e a tia consegue lhe arrumar um trabalho de datilógrafa. Após a morte da tia, vai morar numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças. Apaixona-se por Olímpico de Jesus, um paraibano de caráter duvidoso que sonhava em ser deputado, mas que a troca pela sua colega de trabalho, Glória, que possuía os atributos que lhes atraíam: era loira e carioca da gema. Certa vez, Macabéa vai a uma cartomante para tentar saber sobre seu futuro onde lhe é revelado pela primeira vez um futuro luminoso e um casamento com um homem estrangeiro. Ela se espanta ao perceber que sua vida era uma miséria, mas saí daquele lugar sentindo-se quase outra pessoa e “grávida de futuro”. Mas, para sua surpresa, ao sair de lá, Macabéa é atropelada por um Mercedes-Benz e morre naquele instante.

O Nordeste apresentado por Clarice Lispector na obra em questão não é muito distante do que ainda é conhecido nacionalmente. Um território existencial declarado por Durval

cidade de Maceió no Estado de Alagoas e depois para o Recife em Pernambuco. Mais tarde se mudaria com toda a família para o Rio de Janeiro. Ao longo de sua carreira escreveria obras que a consagrariam como escritora, tais como “Laços de família (1960)”, “Água Viva” (1973) e a então discutida no presente artigo “A hora da estrela” (1977). Esta última foi a sua derradeira obra lançada em vida, publicada poucos meses antes de sua morte.

² A repercussão deste romance foi tão grande que em 1985 foi adaptado para o cinema. Dirigido por Suzana Amaral, a versão cinematográfica conquistou os maiores prêmios do festival de cinema de Brasília e deu a atriz paraibana Marcélia Cartaxo, que interpretou o papel principal, o troféu *Urso de Prata* em Berlim em 1986.

Muniz de Albuquerque Jr. (2014, p. 43) como uma construção de forma sintética e mental para dar identidade a um lugar fundado historicamente, que se originou por uma tradição de lembranças, ideias, pensamentos, experiências, textos e imagens que são considerados característicos e típicos dessa região e que lhe deram homogeneidade e presença. Um nordeste ainda marcado pelo cangaço, pelo sertão, pela seca, pela fome, pela miséria, mas também pela virilidade do cabra-macho, brabo, forte e valente; um Nordeste do lampião, do coronel, dos cantadores de violas, do profeta, da mestiçagem e da tradição patriarcal, contraditando a tudo que viesse do mundo moderno, capitalista e da sociedade burguesa. Assim, o Nordeste é definido “como uma invenção, pela repetição de enunciados, que são tidos como definidores do caráter da região e de seu povo, que falam de sua verdade mais interior” (ALBUQUERQUE JR., 2009, p.35).

Nos apropriamos da metodologia da Nova História Cultural, como chamou Lynn Hunt, por permitir outras formas de trabalhar a cultura na História, permitindo assim, a problematização de outros problemas que fugiam da malha asfixiante dos binarismos entre vencedores e vencidos propostos pela visão marxista da história. Nesses alargamentos de temas e possibilidades metodológicas, utilizamos a literatura como fonte. A partir da última década do século XX, chama atenção Antonio Celso Ferreira (2009, p. 61), os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo. Dessa forma, entendemos que os romances, ou mesmo outras produções literárias estão inteiramente enovelados na história e de histórias, não apenas porque integra os modos de produção, circulação e consumo da cultura em determinadas épocas, mas também por ter o tempo como elemento básico de sua estrutura narrativa.

A obra em questão constrói formas e conteúdos, produz linguagem escrita, visual e sonora, dá vida aos personagens, alimenta a imaginação, descreve territórios, apresenta formas de ver e sentir determinados lugares. Portanto, nossa função ao tomar a literatura de Clarisse Lispector enquanto fonte é confrontá-la com registros que permitam a contextualização da obra para assim se aproximar de múltiplos significados da realidade histórica.

Buscando elaborar uma versão da história do Nordeste através dos perfis biográficos dos personagens Macabéa e Olímpico de Jesus, organizamos esse texto em três partes: a *primeira*, em que discutimos a identidade confusa e inconsciente de Macabéa, assim como seus conflitos internos e exteriores os quais lhe davam uma forte característica de alienação. A

moça era o retrato vivo do tradicional nordestino que migra para a cidade grande e que se sente perdido em meio à multidão. Cheia de sonhos e expectativas, a personagem se frustra ao se deparar com uma realidade totalmente distinta daquilo que estava nos seus sonhos e planos; na *segunda*, caracterizamos a personalidade de Olímpico de Jesus, um nordestino “brabo” e valente capaz de qualquer coisa para subir na vida. O debate gira em torno da constituição do cabra-macho, identidade de gênero na região nordeste; na *terceira* parte do texto, discutimos as contradições acerca do nordestino na condição de forasteiro, que sai da sua terra e se confronta com o ritmo acelerado e urbano das grandes metrópoles do Sul do país. Assim como o contraste social definido a partir da submissão do interior a metrópole, do campo a cidade e do arcaico a modernidade.

Apática, raquítica e abandonada: Macabéa e o sonho de ser estrela

Silêncios. São muitos sobre ela. Quase tudo fica subentendido. Dois fatos se afirmam com convicção: ela é nordestina e sonha em ser estrela. A personagem central da obra de Clarisse Lispector, intitulada *A hora da estrela*, fez nascer, viver de forma apática e morrer de forma trágica Macabéa. Alagoana, pobre, desprovida de beleza, de altivez, de direitos, de atitudes, sem gestos, sem corpo, sem nada; ingênua, esquisita, franzina e nordestina; “é virgem e inócua, não faz falta a ninguém”. Era mais uma nordestina como “milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto ou atrás de balcões trabalhando até a estafa”³. Assim como a personagem, as moças nordestinas sequer notam que são facilmente exploradas e substituídas, sem sequer dar conta de quem são, de onde vieram ou para onde vão. Macabéa é lembrada pelo narrador por sua tolice: “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham”⁴. Ignorada. Colocada a margem. Nem a feiúra do seu sorriso ou o desengonçado andar alerta olhos daqueles que cruzam seu caminho. A nordestina é invisível, assim como tantos outros. “Havia brotado do sertão como um cogumelo mofado”⁵.

Sua história é pobre. Já nas tessituras do narrador nos deparamos com afirmações da necessidade de adiar o começo da história. A personagem principal causava medo, não apenas por suas características físicas de mulher nordestina abandonada pela vida e pela sorte, mas pela trágica trajetória narrada. A história da datilógrafa Macabéa causava tanta repulsa ao

³ LISPECTOR, 1998, p. 14.

⁴ LISPECTOR, 1998, p. 16.

⁵ Idem, p. 63.

narrador que antes de amadurecer, afirma, tornou-se plenamente podre. Escrever sua história significaria ao narrador não cuidar mais de si, não fazer a barba durante dias, adquirir olheiras profundas e escuras, dormir muito pouco, acabar-se de exaustão, vestir farrapos, evitar o alimento que nutre o corpo, desejar a doença, a miséria, a calamidade, mergulhar num pântano de pavor, de lástimas, de dor. Qualquer desgraça humana, física ou mental, seria para se colocar ao nível da nordestina. Nem as palavras utilizadas no texto poderiam ser refinadas, pois se atribuídas àquela mulher vinda da região Nordeste do Brasil seria literariamente vã, jogadas ao vento. As nordestinas não mereciam enfeites. Medo e tristeza faziam parte dos escritos que deram vida e morte a Macabéa. Abandonada pelos pais, cravada pela morte da tia que a criara, subjugada pelos patrões que adquiriu, não lhe restava outro desfecho possível senão a fatalidade que a resgatou. Nem imaginava que aquele seria seu grande momento, a realização de seu sonho. Macabéa só pode ser estrela na hora de sua morte. Ela encenava uma história de tristeza e dor, esvoaçada por sua magreza, desesperada por sua simplicidade, faminta de todas as atenções. Após sua morte, restava ao narrador, cantar loas que não lembrassem a dificuldade da nordestina. Afirma com convicção: precisava escrever algo alegre!

Para a protagonista dessa história, tudo estava bom. As coisas eram como eram porque tinham de ser, nada estava fora do lugar. O simples fato de ser datilógrafa lhe dava algum status, embora ganhasse menos que um salário mínimo. Ela, além de ter o corpo cariado, era incompetente em sua profissão. Apesar de seu nítido estado de miséria e sendo bastante marginalizada pela sociedade, possuía alguns prazeres da vida: ia ao cinema quando recebia seu salário, comprava dois batons, visitava o porto só para ficar olhando os navios no mar; adorava anúncios, fazia recorte de jornal, pintava de vermelho escarlata as unhas dos pés e das mãos. Entretanto, vivia a toa e sua existência era vaga. Macabéa era quase imperceptível aos olhos do mundo: “ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vivia, inspirando e expirando, inspirando e expirando”⁶. Mas o que salvara essa moça da infelicidade era que ela “não sabia o que era, assim como um cachorro não sabe que é um cachorro. Daí não se sentir infeliz”⁷. Não tinha consciência de si e por isso não reclamava de nada, pensando que era feliz.

Macabéa sentia muito orgulho de sua profissão, já que esta era a sua única dignidade, embora não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas. Mas ela tinha somente o terceiro ano primário e por isso escrevia tão mal que era obrigada a copiar lentamente, letra por letra,

⁶ LISPECTOR, 1998, p. 31

⁷ Idem, p. 35.

na datilografia: “errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel”⁸. A essa altura do texto, Clarisse Lispector chama atenção para o letramento como pré-requisito para uma carreira de profissão bem sucedida, e, assim como centenas de nordestinos da época, Macabéa não sabia lidar com as palavras. Era constantemente associada a muitos nordestinos que, assim como ela, vieram para o Sul do país: semianalfabetos e, por conseqüência, não obtiveram êxito em sua profissão. Mas o fato é que ela era incompetente até para a vida. Não tinha jeito pra nada. E o motivo pra isso é muito simples, bem como descreve o narrador, “há os que têm. E há os que não tem”, e Macabéa como bem sabemos, não tinha. Somente isso! Nem mesmo o fato de ser uma mulher parecia ser sua vocação. Ela que praticamente já esquecera suas origens, pois já não soubera mais o sabor de ter pai e mãe.

Certa vez, excepcionalmente, teve uma felicidade inesperada e inexplicável: viu um arco-íris no cais do porto. Experimentando essa gostosa sensação, ambicionou logo outro, mas nem esse direito ela tinha. Ao que parece, seu único luxo “era tomar um gole frio de café antes de dormir”⁹. Mesmo tendo demonstrando ser uma pessoa fielmente honesta, pois aprendera que as coisas são dos outros e, por isso, não cobiçou o bombom da cartomante, uma vez viu algo que por um leve instante cobiçou, já que para ela, representava uma definição de classe, talvez: “um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa”, cujo título era *Humilhados e ofendidos*. Refletiu e chegou à conclusão de que ninguém jamais a ofendera e que tudo acontecia porque as coisas são assim mesmo.

Macabéa não entendia muito bem as coisas. Sua ignorância ou falta de conhecimento era visivelmente identificada ao ponto de achar que “lacrima” em vez de lágrima era erro do homem do rádio, pois em sua pequena mente nunca lhe ocorrera à existência de outra língua, e assim no Brasil falávamos todos brasileiros. Mas numa coisa ela tinha uma enorme satisfação: ela sentia prazer na solidão. Deve ser pelo fato de que a nordestina se perdia no meio da multidão.

Certa vez, mentiu para o chefe dizendo que arrancara um dente e que por isso não iria ter condições de trabalhar. O chefe acolheu bem a mentira armada e quando suas companheiras de quarto saíram de casa, Macabéa pode usufruir com intensidade o luxo de ter um espaço só seu, e isto a tornava levemente livre. Foi nesse dia que ela pode contemplar mais um luxo: ter tédio, ainda que distinto, mas teve tédio. Ah, mas se tem uma coisa que lhe deixava extremamente encantada era ouvir a Rádio Relógio. Nesta, ela depositava total credibilidade, pois, além de lhe dar à hora correta, ainda lhe dava informações que talvez nem

⁸ Idem, p. 32-33.

⁹ Idem, p. 40.

precisasse usar um dia: “você sabia que a mosca voa tão depressa que se voasse em linha reta ia passar pelo mundo todo em 28 dias?”¹⁰. Ela que não sabia nem explicar seus sentimentos, muito menos que se doía o tempo todo, era uma criatura marginalizada, bem como o próprio narrador deixara bem claro, “era fruto do cruzamento de ‘o quê’ com ‘o quê’”. Podemos resumir em poucas palavras as suas características mais definidas: é datilógrafa, virgem e gosta de Coca-Cola. Nordestina, “há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso”.

Clarice faz na obra diversas associações entre Macabéa e as nordestinas que migraram para o Sul: “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas”¹¹. Nessa perspectiva, quantas “Macabéas” se encontram espalhadas pelo ambicionado Sul do país onde depositaram sonhos, projetos e objetivos de vida que muitas vezes foram esquecidos em consequência de suas próprias frustrações. No caso de Macabéa, a felicidade parece estar concretizada em três coisas: no ofício de sua profissão de datilógrafa; no único namorado de sua vida, Olímpico de Jesus; e por fim, a maior de todas, que é o seu sonho de ser estrela de cinema. Mas ao que se nota, Macabéa parece ter fracassado em todos os seus sonhos, pois já havia recebido aviso prévio no emprego, o seu namoro com Olímpico nunca dera certo, e o sonho de ser estrela nunca fora realizado, com exceção na hora de sua morte. Esta é justamente a ideia que a autora deixa transparecer nesta obra. Macabéa, uma nordestina como milhares que se tem por aí, só é visivelmente perceptível na hora de sua morte.

A história da nordestina é triste. Seu fim é trágico. Macabéa era a expressão da pobreza e da desgraça que constantemente era associada à região Nordeste e ao nordestino. Macabéa era filha de uma região pobre, “ruína da antiga geografia do país, segmentada entre ‘Norte’ e ‘Sul’” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 51); lugar do reino da fantasia onde tudo é engraçado, desde a forma de se falar e se vestir, às suas expressões populares, vista pelo Sul do país como pitoresca. Na obra *A invenção do Nordeste e outras artes*, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) propõe que a construção do nordeste foi elaborada de diversas formas ao longo dos anos; trata-se de uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente em relação a uma dada área do país.

Ao longo do vigésimo século, artistas populares, músicos, escritores, intelectuais, teatrólogos, pintores, dentre outros, trataram de constituir uma região que se libertava da malha asfixiante que divulgava uma região marcada pela calamidade. Assim vai ser

¹⁰ LISPECTOR, 1998, p. 60.

¹¹ Idem, p. 23.

apresentado um nordeste repleto de diversidade, geograficamente imenso, culturalmente rico, repleto de histórias e estórias, como aquelas contadas pela literatura dos escritores regionalistas da primeira metade do século XX, que privilegiaram em suas narrativas, a saga de Antônio Conselheiro e seu Arraial do Belo Monte escritos n’*Os Sertões* de Euclides da Cunha. Histórias que faziam emergir o cheiro do melaço do açúcar e as travessuras do *Moleque Ricardo*, vivências da *Usina*, trajetória de um *Menino de Engenho*, todas na hábil pena de José Lins do Rego. Ou, uma região cantada na voz de Luiz Gonzaga e ritmada pelo baião. Contemplou as águas do rio São Francisco em *Riacho do Navio*, deu masculinidade à Paraíba e chamou-a de “mulher macho sim-sinhô” e, acima de tudo, produziu em sua musicalidade a existência de um grande problema: a seca, cantada em *Asa Branca*, que suplicava “a Deus do céu, por que tamanha judiação”. Ou mesmo, a vida que foi dada aos personagens d’*O Auto da Compadecida*, peça teatral escrita por Ariano Suassuna e encenada na década de 1950 no sudeste do país¹². Nessa obra, os personagens são apresentados por suas características sertanejas, comandadas pelo poder do coronel, cidades constantemente atacadas pelo banditismo dos cangaceiros, a subserviência dos padres aos poderes locais e uma população castigada pela seca. O cenário é uma típica cidade do sertão paraibano, chão seco, poeira, galhos sem vida, morte e dor. Uma obra que reforça a ideia de uma região “que o toma como uma região feudal, medievalizada, contraposta ao Sul, a região capitalista do país” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 188).

Um Nordeste que também foi gestado em forma de discurso pelos não nordestinos: Clarisse Lispector! A autora apresenta em sua narrativa uma personagem deslocada de uma região, uma migrante, fugitiva da miséria, mas que levou consigo o registro que tentou confirmar uma imagem de desgraça e dor. Macabéa foi nos escritos de Clarisse Lispector, a prova de uma região que sofria com a fome, lugar onde a seca reinava imponente, em que o analfabetismo era quase que característica inerente ao ser nordestino, lugar onde a mortalidade era altíssima, lugar de festa, das doenças causadas pela pobreza, palco de lutas armadas por enxadas, foices e espingardas. Macabéa confirmava o lugar de submissão do Nordeste, assim como fez *Severino*, personagem de João Cabral de Melo Neto¹³, também migrante, defensor da cova como a parte que lhe cabia no grande latifúndio; ou mesmo *Fabiano*, que conduziu sua família seca para longe da seca, na narrativa de *Vidas Secas*, obra que apresentou seus personagens magros, esqueléticos, famintos, pedintes, fedorentos, sem

¹² A peça teatral *O Auto da Compadecida* ganhou grande repercussão nacional a partir da década de 1950. Recebeu medalha de ouro da Associação Brasileira dos Críticos Teatrais em 1955, e foi encenada pelo grupo do Teatro Adolescente de Recife no Primeiro Festival de Amadores Nacionais, realizado no Rio de Janeiro.

¹³ Aqui nos referimos à obra “Morte e vida Severina”.

nome, sem cor, sem nada. A representação de uma sociedade que dava ao nome daqueles que comandavam a família certa importância¹⁴. Obras que apresentam um Nordeste seco, árido, sem vida, cheios de espinhos, lajedos, dono de um chão rachado, possuidor de feras e monstros, lugar onde tudo parecia ser resolvido na bala ou na peixeira. Lugar no qual não se poderia realizar o sonho de Macabéa: ser estrela.

A representação imagético-discursiva e hegemônica sobre o Nordeste afirmava que naquele território só uma estrela brilhava: o sol. Não restava espaço para outras estrelas. Clarisse Lispector apresenta n’*A hora da estrela* o imaginário acerca da região Nordeste através da descrição de seus personagens e na forma como eles eram vistos pelos sulistas: Macabéa era filha legítima do estigma da fome e da miséria, não tinha borogodó, usava chita batida, trocava-se debaixo dos lençóis com vergonha de seu corpo, seu rosto era marcado pelo sofrimento, era magricela, franzina, cambaleava pelas ruas sem exhibir seus cambitos, apática, apagada, desengonçada, boba, semianalfabeta, desprovida de beleza, órfã; e Olímpico de Jesus sertanejo, paraibano, espertalhão, dito cabra macho, mulherengo. Uma sonhava em ser estrela, o outro, político. Ela fantasiava com o sonho de brilhar nas telas do cinema, ele em ganhar a vida fácil. Ambos, fadados ao fracasso. Assim como Fabiano e Severino – que fugiam da seca e vislumbravam no litoral uma vida melhor – Macabéa e Olímpico de Jesus sonhavam com a possibilidade de no Sul do país brilhar. Acreditamos que sequer sabiam que nordestinos eram todos “Paraíbas” e serviam apenas para o trabalho bruto e para o riso fácil, personagens circenses, piadas.

Por um *cabra macho* e safado: Olímpico e Jesus

“No Sertão da Paraibano há quem não saiba quem é Olímpico”¹⁵. A assertiva descreve aquele que por um instante foi o amor da vida de Macabéa. Se chamava Olímpico de Jesus e tinha cara de poucos amigos. Era o oposto de Macabéa. Não tinha nada de inocente e possuía um caráter duvidoso. Ambicioso, acreditava que a melhor herança vinha do dinheiro. Era considerado “cabra macho”, brabo, valente, vinha lá do sertão da Paraíba. Em seu histórico constava o assassinato de um e o furto de um relógio. Fazia gosto em se apresentar como “safado”, levava no peito – com orgulho – essa fama. Dono de brava valentia, encantava por já na mocidade portar muita coragem e resistência, provavelmente, herdada na

¹⁴ No texto de Graciliano Ramos apenas os líderes da família possuíam nome – Fabiano e Sinhá Vitória -, seus filhos foram chamados pelo autor de “menino mais novo” e “menino mais velho”, representando a existência de certo desdém aqueles que eram filhos das vítimas da desgraça da seca, portanto, sem direito sequer a um nome.

¹⁵ LISPECTOR, 1998, p. 54.

sua terra braba e rachada pela seca. Apesar de sua aparência magra e pequena, era tão forte que com um braço só poderia levantar Macabéa do chão.

Valia-se de sua virilidade para sempre se apresentar como cabra-macho. Se afirmava macho por seu comportamento, sua forma de andar e falar, no trato com as pessoas, como comia e bebia, naquilo que vestia. Qualquer situação que fugisse da regra, era capaz de levantar expressões do tipo: “Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher [...] desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita”¹⁶. Analisando as falas do personagem Olímpico de Jesus, percebemos como a identidade regional destes personagens é constituída a partir de uma relação viril, em que o masculino vem se sobrepondo ao feminino, diante da passividade da personagem de Macabéa. Esta forma de discurso traz a tona um resgate de toda uma conjuntura de elementos que vem a preservar e perpetuar um passado regional tradicionalista e patriarcal, em que vem enfatizar toda uma prevalência do masculino, da virilidade, da fertilização, da criação, do domínio e que dava direito e voz a sua fala.

Para a mulher, restava apenas o lugar da maternidade, da proteção, da obediência e da delicadeza. O corpo feminino estava reduzido ao trabalho manual, ao sexo e à reprodução. Dessa maneira, a mulher estava simbolizada apenas no papel de mãe e de dona do lar, em que a cozinha era o seu espaço por excelência, usada para preparar pratos deliciosos e alimentar os prazeres de toda a família. Uma sociedade em que a mulher estava relegada ao silêncio. Seu direito era o de ver, ouvir e calar. Lugar de rígida hierarquia e no qual a mulher ocupava o mais baixo posto. Uma sociedade que gestou em “primeiro lugar e acima de tudo o homem, o fazendeiro, o político local ou provincial” (FALCI, 2007, p. 242).

Sendo assim, constatamos na fala dos personagens criados por Clarisse Lispector, a legitimação de um discurso que se vale de imagens e enunciados para desenhar o ser nordestino. Aquilo que Durval Muniz Albuquerque Jr. (2014, p. 54) chamou como

Os elementos, os signos, as imagens, os eventos, os sons, os gestos, que remeteriam a esta identidade regional, que passaria a representá-la: o sertão, o mandacaru, as vozes líricas, os cantos fanhosos, os benditos chorosos, os aboios, as feiras, os cangaceiros, os cantadores, os chefes políticos, os analfabetos imortais, as assombrações, os comboieiros, os luares, os entardeceres, o choro, o clamor de cegos pedintes, o cicio, o berro, os feirantes, os retirantes, os romeiros de padre Cícero e Canidé.

O *cabra macho* se fundia com a imagem do sertanejo. Confirmava o imaginário que circulava no sudeste do Brasil de que os nordestinos eram sertanejos, ou seja, possuidores das

¹⁶ Idem, p. 55.

características próprias daquele espaço geográfico. Tudo era representado pela fala arrastada, pela falta de instrução, nas roupas de couro, no fanatismo aos deuses locais, ao abandono dos poderes legais edificando uma terra sem lei, governada por cangaceiros. Um lugar castigado pelo sol, pela fome, pela seca. Lugar de misérias.

Outro ponto de destaque na narrativa d'*A hora da estrela* é a questão do pudor; sobre a forma como o próprio personagem Olímpico de Jesus encarava essa problemática: “Isso é lá coisa para moça virgem falar [...] E para que serve saber demais? O Mangue está cheio de raparigas que fizeram perguntas demais [...] É um lugar ruim, só pra homem ir”¹⁷. Nota-se na fala do nordestino que, mesmo este sendo um imigrante fora de sua região, expõe sua visão machista sobre a mulher defendendo a cultura tradicional do pudor. Este transparece fortemente sua percepção sobre a identidade e gênero na medida em que não deixa espaço para nenhum outro modelo de subjetividades. Sendo assim, “as possibilidades de identidades de gênero na sociedade do engenho ou mesmo na sociedade sertaneja eram apenas a do homem macho e da mulher fêmea” (ALBUQUERQUE JR, 2002, p. 5).

Nesse ponto de vista, o “ser homem” e o “ser mulher” é encarado como um fator biológico/natural, onde toda representação social da região estaria constituída a partir dessa conjuntura, dando um lugar social já pré-definido para o homem e para a mulher. Assim, nessa definição de gênero, ao “ser nordestino homem” representado por Olímpico de Jesus na obra de Clarisse Lispector, coube muito bem o papel de demonstrar toda sua virilidade, bravura, domínio, valentia, honradez, a partir da sua postura e a forma de encarar a sua real condição.

A ideia da constituição de um ser “macho” associada ao “cabra” não se limita a falar apenas do ser masculino no sentido de dominação, de prevalência e de poder, mas também a “a imaginação popular que atribuía uma potência sexual extraordinária a que não faltariam vantagens físicas também excepcionais. Irrequieto, inconstante, forte, valente, trabalhador. Um cabra macho, sim, senhor” (ALBUQUERQUE JR, 2002, p.8).

A formação do imaginário acerca do cabra macho, na obra representado por Olímpico de Jesus, fora criado segundo Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2013, p. 209-210) na década de 1920 do século passado, como resposta a crise de um padrão de masculinidade, trazidas pelas mudanças aceleradas proporcionadas pelo mundo moderno, sobretudo pela crise econômica, política e social vivenciada na região Nordeste. Tratava-se de uma região, que, ao sofrer metamorfose se tornava feminina, passiva, necessitando assim de um homem, um novo

¹⁷ LISPECTOR, 1998, p. 60.

habitante que significasse uma reação viril a este processo de horizontalização e declínio, que se denunciava mortal para uma elite agrária tradicional que a dominava até então. Nesse contexto, o nordestino se afirma enquanto sertanejo, homem de valor, cabra macho. Aquele que é apegado a terra, que dirige uma máquina e a conserta; inculto e supersticioso, capaz de acreditar em assombrações e manifestações do sobrenatural, um homem incubado e explosivo, aparentemente morno e sombrio, porém com reservas enormes de talento de imaginação. Um ser rústico. Para alguns até mesmo um matuto, desengonçado e bronco, tendo a cabeça chapéu de couro e no peito uma camisa de pelo de bezerro que lhe protegia dos espinhos secos da terra. Um homem associado constantemente aos escravos por sua força e resistência e aos cangaceiros por sua astúcia e malícia.

Nas características de Olímpico de Jesus, podemos perceber grande parte dessas características, algumas delas já modificadas devido ao contato direto com os sulistas, como as tentativas fáceis de enganar os nordestinos, como fez com Macabéa. Seu comportamento é tido como típico e natural da sua região através de um discurso que procurava explicar os traços subjetivos e culturais dos nordestinos como algo próprio e particular da natureza daquele lugar. A figura do nordestino era relatada como aquele que partilha de uma série de enunciados que formam os tipos regionais: o sertanejo, o cangaceiro, o vaqueiro, o coronel, o caboclo, o matuto, o retirante. Estes discursos vêm agenciar todos os elementos tidos como tradicionalistas ou regionalistas que revelam na figura do nordestino um tipo social rural, arcaico, anti-moderno, mas que mantém sua valentia e dominação; que é temido por todos e que seria capaz de tudo, preservando assim, uma sociedade machista e patriarcal, arraigada no imaginário popular.

Após a morte da sua mãe, nada mais prendia Olímpico de Jesus a sua terra. Trouxera consigo como posse exclusiva, uma lata de vaselina perfumada e um pente comprado no mercado da Paraíba. Ainda no Nordeste, tinha juntado salários para arrancar um canino perfeito e substituí-lo por um fascinante dente de ouro que lhe asseguraria prestígio social. Por isso, não se contentava em ser um simples operário, pois, isso ele sabia que era, e não era a toa que omitia essa informação se nomeando para Macabéa como metalúrgico.

O narrador o define como aquele que bradava: “Tinha sede de ser outro”. Para não se mostrar uma pessoa miserável e sem pai, acrescentava mais dois sobrenomes ao seu nome: “Olímpico de Jesus Moreira Chaves”. Não media esforços em revelar seus sonhos bastante ousados: “Como na Paraíba ele se acorava no chão, o traseiro sentado no zero, a meditar:

Ele dizia alto e sozinho: Sou muito inteligente, ainda vou ser deputado”¹⁸. Não era a toa que ele tinha o dom do discurso: “Tinha o tom cantado e o palavreado seboso, próprio para quem abre a boca e fala pedindo e ordenando os direitos do homem”¹⁹. Interesseiro, só pensava no seu bem estar e em como satisfazer seu ego. Grosseiro, não poupava Macabéa de suas arrogâncias. “Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema”, dizia para ela. Não mostrava nenhuma satisfação em namorá-la, pois sentia-se atraído por garotas louras e cariocas, o que o fez ficar caidinho por Glória, que possuía todos esses atributos. Não demorou muito e ele rompeu com Macabéa para emplacar namoro com Glória. Ele, para impressioná-la e *cantar de galo*, “comprou pimenta-malagueta das brabas na feira dos nordestinos e para mostrar à nova namorada o durão que era mastigou em plena polpa a fruta do diabo”. Mas apesar de toda essa valentia, Olímpico de Jesus mostrava toda sua sensibilidade em relação a enterros aonde às vezes ia três vezes por semana, até mesmo a sepultamentos de desconhecidos, e seus olhos ficavam cheios de lágrimas. Por isso, na semana que não havia enterros, era semana vazia na vida desse homem.

Mesmo identificando características tão diferentes na personalidade de Macabéa e Olímpico, as emotividades desses personagens eram bastante parecidas por possuírem um sentimento de pertencimento a uma mesma região; pelo fato de também ser um nordestino que veio para a região Sul na tentativa de crescer na vida. Assim como ela, ele não era conhecedor das palavras, mas ao menos fingia que sabia com uma total segurança, o que o diferenciava dela. Certa vez, quando ela o perguntara sobre o que era renda per capita, ele respondeu com total precisão de que era coisa de médico. Olímpico sabia usar/inventar as palavras quando era questionado por Macabéa, o que já lhe dava uma grande vantagem sobre ela.

Analisando a trajetória dos personagens de *A hora da estrela*, nos deparamos com muitos trechos que remetem a uma identidade atribuída unicamente a homens e mulheres nordestinas, que se olham, se reconhecem, se misturam, se identificam e que por isso, são categorizados de forma homogênea numa mesma classe, a de serem nordestinos: “O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam [...] Ele se aproximou com voz cantante de nordestino que a emocionou”.

Assim como Macabéa e Olímpico, milhares de nordestinos foram para o Sul do país enxergando a possibilidade de mudar de vida. Buscando a realização pessoal e embebedos de

¹⁸ LISPECTOR, 1998, p. 52.

¹⁹ Idem.

sonhos sulistas, acreditavam que a felicidade concreta estaria fora das suas origens, da sua nordestinidade, da sua região. Nesse caminho, Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2009) já abordava n'*A invenção do Nordeste e outras artes* o desejo daqueles que buscavam na região Sul sua melhoria de vida. Um lugar que acabou se transformando no espaço do progresso, do desenvolvimento, da modernização e da felicidade. Dessa forma,

O Sul é o espaço obstáculo, o espaço outro contra o qual se pensa a identidade do Nordeste. O Nordeste nasce do reconhecimento de uma derrota, é fruto do fechamento imagético-discursivo de um espaço subalterno na rede de poderes, por aqueles que já não podem aspirar ao domínio do espaço nacional (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 83).

Um Nordeste que passa a ser visto pelo imaginário do outro, pelas atribuições dos sulistas. Um espaço repleto de pessoas engraçadas, risíveis, sempre prontas ao espetáculo circense. Lugar de lendas e mitos, de gente decadente, forte apenas por resistir aos malefícios da seca. Região constituída através de textos e imagens como um reino onde nada é encantado: sangue, cruces, facas e tiros, marcas de dor; personagens barrigudos, fedorentos e feridentos, gafos, paráliticos, perseguidos pela seca e pela injustiça e que mesmo assim conseguem manter o orgulho de serem nordestinos.

Narrativas de um nordeste: contrastes que se apagam

A obra *A hora da estrela* apresenta uma narrativa composta de dois personagens de naturalidade nordestina que ganharam visibilidade nos escritos de Clarisse Lispector não apenas por suas características que os determinavam como autóctones do Nordeste, mas por descrever pessoas que buscavam outras formas de sobrevivência longe de sua terra natal. Personagens que negavam seu lugar de origem até mesmo quando seus corpos pulsavam nordestinidade. Um lugar lembrado com saudade, mas que por todo sofrimento atribuído à terra, passou a ser rejeitado. Um texto marcado pela necessidade de retirar do anonimato uma mulher – como tantas espalhadas mundo afora – incapaz de ser notada, percebida, desejada. Mulher, que por sua origem, estava fadada aos porões, lugares escuros, companheiras de quarto tão marginalizadas quanto ela, empregos moribundos, digna apenas de repreensões. A obra de Clarisse Lispector revela um contraste social duplo: a negação dos personagens a sua terra e a forma como os nordestinos eram estigmatizados no sul do país.

Analisando o contexto histórico desse romance, percebemos um forte contraste social em relação aos personagens nordestinos e a realidade em que estes estão inseridos. Este

contraste é evidenciado pela relação cidade-campo e o problema da migração e do imigrante ao se deparar com outra realidade, causando assim, um certo estranhamento cultural. As condições dos nordestinos no papel de emigrante para o Sul do país, segundo a obra, não são das melhores. No caso de Macabéa, “morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro balconistas das Lojas Americanas”. De acordo com a narrativa de Clarice Lispector, o ritmo acelerado das grandes cidades do Sul do país não era nada favorável aos nordestinos, que por sua vez, tinham que driblar as dificuldades encontradas pelo caminho na busca da tentativa de se dar bem na vida.

Macabéa, emigrada de Alagoas, não mediu esforços para conseguir sobreviver na grande metrópole: “limito-me a contar as francas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela”. Ela não progride, e na tentativa de se estabelecer em meio à cidade grande sulista, não consegue encontrar seu espaço. Não é de hoje que esse choque cultural-social é determinado pelo contraste campo *versus* cidade, onde a metrópole se sobrepõe ao interior, em que a modernidade vem ocupar um espaço maior do que o arcaico, em que a sociedade masculina vem se embater com a feminina, a solidão bate de frente com a multidão. Em suma, o contraste mais forte e evidenciado no romance é a morte se sobrepondo a vida.

Apesar de ter uma forte tendência ao fracasso, Macabéa tenta ser resistente em meio à opressão dos mais fortes, fazendo jus - mesmo sem saber - à origem do seu nome, da resistência bíblica dos Macabeus²⁰, no Antigo Testamento. Como ela mesma disse, se vingasse se chamaria assim. E assim foi feito.

Sobre o imaginário acerca do nordestino, o narrador afirma ser este um miserável colocado a margem da sociedade moderna, que o chama atenção quando vê o rosto da personagem em meio à multidão: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” e que por isso é sua “obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas” já que ela “forçou dentro de si a sua existência”. E essa sua visão fica mais evidente quando este afirma que para se por no nível da nordestina, precisa “não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, além de se vestir com roupa velha e rasgada”.

²⁰ Os Macabeus foram os integrantes de um exército rebelde judeu que assumiu o controle de partes da Terra de Israel, até então um Estado-cliente do Império Selêucida. Os Macabeus fundaram a dinastia dos Hasmoneus, que governou de 164 a 37 a.C., reimpuseram a religião judaica, expandiram as fronteiras de Israel e reduziram no país a influência da cultura helenística. Seu membro mais conhecido foi Judas Macabeu, assim apelidado devido à sua força e determinação. Os macabeus durante anos lideraram o movimento que levou à independência da Judeia, e que reconseguiu o Templo de Jerusalém, que havia sido profanado pelos gregos. Após a independência, os hasmoneus deram origem à linhagem real que governou Israel até sua subjugação pelo domínio romano em 37 a.C..

O desprezo do narrador pela personagem nordestina é claramente perceptível a partir do momento em que este vai criando sua identidade. À medida que nos faz conhecer a protagonista da história, também vai revelando seus gostos pessoais. Ele fino, gosta de arte, frutas e de beber vinho branco gelado. Já Macabéa, sonha com potes de creme para a pele, mas não para o seu uso habitual e sim para comer as colheradas no próprio pote; masca pedacinhos de papel pensando em coxas de vaca e que tem ânsias de vômito porque adoça demais o café do botequim para aproveitar o açúcar grátis – para usar uma expressão nordestina: não era doida de vomitar para desperdiçar comida. Ela sente fome e, por isso, precisa satisfazer suas necessidades físicas; já ele, tem no máximo apetite. O narrador, ao manifestar seu preconceito por pessoas como Macabéa, estaria expressando uma realidade em que muitos nordestinos estão colocados no Sul do país.

Sendo assim, o Nordeste desenhado por Clarice Lispector em *A hora da estrela*, revela uma região conhecida nacionalmente por muitos, no qual lhe remete a uma imagem de pobreza, miséria e seca. Esta é claramente identificada principalmente a partir das falas desses personagens que migraram para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vidas, da concretização dos sonhos sulistas e, assim, alcançar a tão almejada felicidade.

Este espaço imagético discursivo de Nordeste emerge muitas discussões acerca de sua identidade, dando-lhe a esta uma equívoca característica, a falsa impressão de que esta região possui uma única cultura, um só clima, um só modo de falar, o que contribuiria significativamente para que esta fosse uma região isolada de todas as outras do país, dando-lhe a esta um lugar a parte. É sobre essa percepção que nos adverte Durval Muniz Albuquerque Jr. (2009, p. 54), sobre essa homogeneidade cultural propagada pela mídia e que incomoda a tantos grupos:

Definir região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza (ALBUQUERQUE JR., 2009. p. 35).

O imaginário nordestino vai se constituindo ao longo de toda a narrativa. Um espaço discursivo no qual sempre irá se prender a conceitos que remetem a características que são derivadas de toda uma herança atribuídas a região Nordeste, como que por uma obrigação, fosse única e exclusivamente dos nordestinos: “Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que eu falei”²¹. A partir desse trecho, percebe-se claramente

²¹ LISPECTOR, 1998, p. 35.

a condição de miséria que é dada a personagem somente por esta ter pertencido ao sertão, como uma justificativa para o seu estado miserável. Esta e outras atribuições são dadas aos personagens anteriormente citados, nas quais vem moldar um Nordeste seco, não apenas no seu sentido literário, mas seco e vazio de sonhos, de felicidade e de bons acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Nordeste ainda é definido por uma construção mental que lhe dão uma identidade regional sintética e que generaliza um discurso de superioridade e inferioridade do Sul *versus* o Nordeste. Um conjunto de referências e características, de imagens e textos que representam um lugar e seu povo através de uma criação imagética para um espaço tido como pobre e subalterno a todos os outros. Um lugar colocado a margem, relegado, em que tudo é fantasioso, distante da realidade da civilização.

Assim como na narrativa de Clarisse Lispector, escrita na segunda metade da década de 1970, muitos nordestinos na contemporaneidade ainda são vistos como um povo sofredor, castigado pela seca, pela pobreza, onde a fome e a miséria são inerentes ao seu ser. Macabéa pode ser considerada uma representante das adjetivações atribuídas às mulheres sertanejas, relegadas não apenas por sua condição geográfica, mas por ser mulher, semianalfabeta, desprovida de tudo. Macabea era a representação da infertilidade, seus ovários eram murchos. Noutro lado, a representação do “cabra macho” que deu vida e voz a Olímpico de Jesus também não está muito distante desse conceito equivocado de representação da região, onde a relação é determinada pelo ser masculino, o qual vem se sobrepondo ao feminino. Não é de hoje que essa espécie de relação acontece, e ainda que muito se tenha mudado acerca dessa percepção patriarcal, a mulher continua sendo vítima de um rígido discurso hierárquico e sendo alvo de muitas críticas por ocuparem espaços que muitas vezes não são considerados apropriados para elas.

Quanto ao ser nordestino, ainda se enquadra nessa produção imagética acerca da sua identidade: brabo, mas pobre; resistente, mas arcaico; corajoso, porém matuto. Este ainda não é muito visível ou quase imperceptível aos olhares do discurso sulista.

Dessa maneira, seu papel de estrela só será possível de realização no ambicionado Sul do país. O momento em que o nordestino aparece visível ao olhar da abordagem sulista é quando este já não passa a existir. Mais precisamente na hora de sua despedida existencial é que ele terá os seus quinze minutos de estrela. Brilhou apenas no momento em que a morte

tornou-se “a única possibilidade e ao mesmo tempo a necessidade de ultrapassar o limite de seu ser encontrar a realização” (NITSCHACK, 2004, p. 229).

De acordo com *A hora da estrela*, o nordestino vem sempre ocupando um lugar de submissão. Reprimido pelo Sul, pelo mundo moderno: responsável por submeter à vida pela morte. Esta é a ideia central da obra de Clarice Lispector, mas que transcende toda narrativa ficcional e alcança as relações conflituosas da realidade humana. Escritos que deram nomes e corpos a nordestinos, que reforçaram o imaginário social acerca do Nordeste e de seu povo. Muito ainda precisa ser dito sobre seus personagens. História que contaremos, quem sabe, mais adiante.

Abstract: This paper aims to analyze the social imaginary of the Northeast and Northeast from the work of Clarice Lispector, *The Hour of the Star*. It questions throughout the text the idea of image-Northeast while discursive construction, which formed a homogeneous identity to a place that was founded historically from statements and speeches that were repeated and perpetuated, taken as defining the character of that region. To lead the discussion, we analyze two characters of *The Hour of the Star* - Olympic Macabéa and Jesus - both Northeastern who migrated to the big southern city in order to bring their miseries to leave in search of achieving dreams that only the South, had a place of progress and civilization, could offer them. Thus, the cited work also addresses the conflicts experienced by Macabéa, expression of poverty and misfortune that was often associated with the Northeast, and the idealization of the traditional "male goat" Northeast that configures the Olympic Jesus character; an ambitious and dubious character who dreamed of earning a living is easy. The characters craved the chance to shine in the South, but for being the Northeast were already predestined to failure. Thus supported the theoretical framework of Cultural History, take literature as a source able to build history. It became, therefore, possible to analyze the biographical profiles of these characters to narrate a story of stars that shone only on the impact of the writings of Clarisse Lispector.

Keywords: Northeast, Macabéa goat-male.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Nordestino: invenção do “falo”*. Uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

_____. *A feira dos mitos*. A fabricação do folclore da cultura popular (Nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeio, 2013.

FALCI, Miridan Kinox. Mulheres do sertão nordestino. In.: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 241-277.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura. A fonte fecunda. In: LUCA, Tênia Regina de.; PINSKY, Carla Bassanezi. *O historiador de suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 61-92.

HELENA, Lucia. Macabéa, rosto e destino. In: _____. *Nem Musa, Nem Medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector*. Niterói: EDUFF, 2006, p. 129-139.

LISPECTO, Clarisse. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NITSCHACK, Horst. A hora da estrela (Clarice Lispector) e Primera Muerte de Maria (Jorge Eduardo Eielson): superação de uma estética da mimesis. In: PONTIERI, Regina (org.). *Leitores e leituras de Clarice Lispector*. São Paulo: Hedra, 2004.

MELO NETO, João Cabral. *Morte e vida Severina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Martins, 1969.

SUASSUNA, Ariano. *O auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

WALDMAN, Berta. O estrangeiro em Clarice Lispector: uma leitura de A hora da estrela. In: ZILBERMAN, R. (org.) *Clarice Lispector: a narração do indizível*. Porto Alegre: Artes Ofícios, 1998.